

Temas de trabalho para o 2º. Ano da caminhada sinodal para uma Igreja Diocesana Renovada que responda aos Sinais dos Tempos

Introdução

No passado ano, no qual iniciámos a caminhada sinodal, colocámo-nos em atitude de escuta e de análise da realidade da nossa cultura, da nossa sociedade e da Igreja que somos. A esta reflexão chamámos auscultar os Sinais dos Tempos.

Reunidos em Assembleia Diocesana, no contexto da Caminhada Sinodal, os membros dos dois Conselhos Diocesanos, Pastoral e Presbiteral, aprofundaram a reflexão acerca da realidade que nos envolve e apresentaram as prioridades para a reflexão posterior, reflexo das respostas que dos diversos grupos e movimentos que desafiam a nossa Igreja Diocesana e cada Comunidade Cristã.

Eis-nos a prosseguir com este dinamismo renovador a que chamamos Caminhada Sinodal sob o lema «a beleza de caminharmos juntos em Cristo»

Renovamos o convite para uma caminhada sinodal tal como a Igreja hoje o exige. O facto do Santo Padre o Papa Francisco ter convocado o Sínodo dos Bispos do ano de 2022 sobre a temática do rosto sinodal da Igreja, certamente irá dar ainda mais força à iniciativa da nossa diocese.

Esta caminhada sinodal tem dois planos: o primeiro é realizado na experiência pastoral concreta em cada uma das comunidades cristãs, formando e interpelando para uma participação ativa e consciente de todos os batizados na missão da Igreja, na base de uma comunidade cristã que vive a comunhão e exerce a corresponsabilidade em todos os seus membros; o segundo diz respeito à reflexão que é pedida a todos os grupos, movimentos e instituições e mesmo a pessoas fora da Igreja para ajudarem na renovação da Igreja diocesana.

É forçoso reconhecer que a Igreja do futuro é de rosto sinodal que implica a participação ativa de todos os fiéis cristãos. Prossigamos nesta caminhada tão bela e tão exigente mas tão necessária. É hora de promovermos os Conselhos Pastorais Paroquiais, os Conselhos Económicos Paroquiais, Assembleias Paroquiais, Movimentos e organismos de participação. Estamos perante um desafio que contem etapas mas é uma caminhada permanente.

O itinerário de reflexão que foi apresentado na última Assembleia diocesana para que se pronunciasse sobre a prioridade a dar aos temas consta de cinco temas. Três serão reflectidos no decorrer deste ano e constam deste caderno que agora é apresentado; os dois restantes temas serão reflectidos no próximo ano pastoral.

Deste modo teremos uma visão de conjunto sobre o que se requer da Igreja Diocesana e de cada Comunidade Cristã para que estejam atentas aos Sinais dos Tempos, auscultando-os, discernindo-os à luz do Evangelho e desafiadas por eles se coloque numa actitude de resposta evangelizadora.

Esta é a hora da renovação.... Não podemos parar. Jesus de Nazaré e o Seu Evangelho abrem-nos para o futuro que surge sempre na Novidade do Espírito de Deus.

I. UMA IGREJA EVANGELIZADORA

A Igreja existe para evangelizar. Esta é a sua missão essencial. S. Paulo VI afirma-o na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN nº 14). Vejamos, concretamente, alguns traços que nos auxiliam a refontalizar esta realidade.

1. Centrada em Jesus Cristo

A evangelização deve ter sempre como base, centro e cume do seu dinamismo uma proclamação clara de que, em Cristo a salvação é oferecida a toda a humanidade (Cf. EN nº 27). É n’Ele que assenta e se centra a missão evangelizadora da Igreja e é para Ele que a mesma se encaminha. A consciência de sermos uma Igreja cristocêntrica parece estar teoricamente assimilada pelo Povo de Deus. No entanto, este conhecimento nem sempre é consequente. É urgente recentrar a nossa forma de ser e de agir enquanto cristãos.

2. Coração inflamado pelo Evangelho

Os cristãos da nossa Diocese estão convictos de que não há evangelização efectiva sem corações ardorosos. Como anunciar o Evangelho sem se deixar primeiro converter por ele, sem viver aquilo que se anuncia? A este respeito, são oportunas as palavras do Papa Francisco na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “Não se

pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tacteando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra (..). O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele (...). Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém” (EG nº 266).

3. Atenta aos Sinais dos Tempos

O anúncio do Evangelho deve ser encarnado. Nesse sentido, a missão de evangelizar deve ter sempre em conta o horizonte histórico em que se insere. Somos convidados a ler e interpretar os sinais da passagem de Deus na nossa história para podermos actuar, em ordem a uma resposta evangelizadora da nossa Igreja local às questões que a sociedade, a cultura e até a própria Igreja nos colocam. Através do discernimento e da capacidade de interpretação é necessária uma leitura profética do nosso mundo, nas suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias.

4. Cuidar do anúncio querigmático

O querigma ou primeiro anúncio deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de todas as tentativas de renovação eclesial. É ele que, como nos lembra o Papa Francisco, nos faz crer em Jesus Cristo, que nos comunica a misericórdia do Pai (Cf. EG nº164). O que nesta Exortação se diz do catequista em particular pode aplicar-se a todo o evangelizador em geral: Na sua boca, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive todos os dias contigo para te iluminar, fortalecer e libertar.”

Convém ter em conta que a expressão “primeiro anúncio” não significa quê ele esteja no início de um processo e possa depois ser esquecido. Pelo contrário: Trata-se de “primeiro” em sentido qualitativo porque é o mais importante e aquele que temos de continuar a ouvir. O próprio evangelizador precisa de o escutar muitas vezes e de se deixar converter.

Além disso, lembra o Papa: “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma. (...) É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano.” (cf. EG nº 165).

Perante o aparente desconhecimento prático deste momento fulcral da evangelização, poderíamos perguntar: O que implica o querigma? Entre outros aspetos, convém ressaltar os seguintes: deve incluir a aceitação de Deus que se deu aos homens em Jesus; o sentir-se arrancado do pecado e a vontade de entrar na dinâmica do Reino; deve provocar também o desejo de inserção na comunidade cristã.

5. Catequese renovada

A catequese é a etapa do processo evangelizador em que se capacitam basicamente os cristãos para entender, celebrar e viver o Evangelho do Reino e para participar ativamente na construção da comunidade cristã e no anúncio do Evangelho. Esta formação cristã – integral e fundamental – tem como meta a conversão da fé.

A renovação da catequese necessita da participação de todos os membros da comunidade cristã. Inflammados pelo Espírito Santo, todos se devem sentir sujeitos ativos nesta etapa do processo evangelizador: A comunidade, os ministros ordenados, o catequista e, de um modo especial, a família. No que se refere a esta última e dada a situação de indiferença em que muitas famílias vivem por relação ao percurso de fé dos seus educandos, convém lembrar o que nos disseram os bispos portugueses na sua recente carta pastoral: “Hoje têm de ser os filhos a levar os pais ao (re)encontro com Deus.” (Cf. Catequese, a Alegria do encontro com Jesus Cristo, nº 35)

É também urgente uma aposta séria na formação dos catequistas, valorizando as suas diversas dimensões. Sem descurar nenhuma delas, há que investir no cuidado pela espiritualidade do catequista, para que a transmissão da fé se faça de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo (Cf. CAEJC, nº12)

A catequese tem de ser encarada também numa perspetiva mais abrangente, para além da infância e da adolescência. Urge implementar a catequese de adultos em todas as comunidades cristãs.

6. Autêntica preparação para os sacramentos

A evangelização não se esgota com a pregação ou com o ensino de uma doutrina. Deve atingir toda a vida e, por isso mesmo, a vida sobrenatural, que tem uma forte expressão nos sete sacramentos.

Assim, a evangelização exprime toda a sua riqueza quando realiza uma comunicação ininterrupta entre a Palavra e os Sacramentos. Administrá-los sem um apoio sólido na catequese dos mesmos e numa catequese global é privá-los, em grande parte, da sua eficácia. O papel da evangelização é precisamente o de educar de tal modo para a fé que esta depois leve os cristãos a viver os sacramentos do modo mais pleno possível (Cf. EN nº 47). A preparação sacramental deve gerar abertura aos sinais, à graça divina e à missão no mundo.

7. Novo ardor, novos métodos e novas linguagens

O novo ardor de evangelizar deve provir da abertura ao Espírito e da busca de um novo ânimo por parte de quem já foi evangelizado. Não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia esta Palavra (Cf. EN nº24).

Na era digital em que vivemos, os novos métodos terão de ter em conta a capacidade que os meios de comunicação têm de chegar a muitos, sem esquecer que ainda há um número razoável de cristãos que, embora comprometidos com a sua fé, não têm acesso facilitado às novas tecnologias. É preciso cuidar que o uso de novos métodos não gere excluídos.

A linguagem também precisa de ser adaptada aos novos tempos. A evangelização perde algo da sua força se não tiver em conta o povo a que se dirige, com o seu contexto e problemas reais. Por outro lado, a evangelização corre o risco de perder a sua alma e de se desvanecer se for despojada ou adulterada do seu conteúdo (Cf. EN nº 63). Há que atender à fidelidade a Deus e à fidelidade ao homem, numa única atitude de amor (Cf. Catechesi Trandendae nº55).

8. A força evangelizadora da Piedade Popular

Já S. Paulo VI se referia à Religiosidade Popular dizendo que, apesar de reconhecer as suas limitações, «se essa religiosidade

popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores» (EN, 48).

Mais concretamente, «ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc» (EN, 48).

Na verdade, «ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado "piedade popular", no sentido religião do povo, em vez de religiosidade» (EN, 48).

Daí o apelo para que os responsáveis pelas comunidades cristãs e todos os que se empenham na evangelização reconheça que a Piedade Popular «bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo» (EN, 48).

Dada a riqueza que emana da religiosidade do Povo Açoriano no que diz respeito à Piedade Popular, este é um âmbito pastoral absolutamente indispensável e a cuidar na autêntica evangelização.

O Papa Francisco, por sua vez refere-se à Religiosidade Popular dizendo que «quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação» (EG, 122).

Mais ainda, «na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se» (EG, 123).

Para o Papa Francisco, «na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força activamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo» (EG, 126).

E, por último, sublinha que «as expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização» (EG, 126).

Deixemo-nos interpelar pelos desafios que nos são lançados pelo Magistério da Igreja e que iluminam a realidade tão rica da vida pastoral da nossa diocese no que diz respeito à Piedade Popular.

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja evangelizadora:

1. No âmbito da evangelização, que “alegrias e esperanças”, “tristezas e angústias” encontramos nas nossas comunidades?
2. O que podemos fazer de concreto para que a missão evangelizadora da Igreja seja mais fecunda nas nossas comunidades e na transformação do mundo em Reino de Deus?

II. UMA IGREJA EM PERMANENTE DIÁLOGO COM O MUNDO

9. **Há princípios que não podemos ignorar**, a partir da própria comunicação/revelação de Deus com as pessoas. Nunca a relação de Deus conosco esteve separada de uma situação concreta de vida de um povo (historicidade); Deus faz-se carne para fazer dela o lugar da sua manifestação (encarnação); a salvação comunicada na carne, no corpo e na história melhora a humanidade (universalidade); é impensável uma postura de indiferença por parte de Deus e da Igreja, uma vez que são as mesmas pessoas que vivem no mundo e também incorporam a Igreja; para a Igreja é incompatível com o evangelho uma postura de qualquer interesse ou privilégio que não seja o de comunicar a fé, a graça, a libertação e a salvação que Ihe é dada; não

há privilégio algum a defender na Igreja que não seja serviço a prestar dentro e fora dela; se a Igreja se projeta sobre o mundo tem como referência crítica o Reino de Deus que a purifica, amplia e relativiza; os valores desse Reino estão na Igreja mas transvasam os seus limites enriquecendo a criação, a humanidade, história, a sociedade e a cultura. A presença dos cristãos no mundo contemporâneo requer a correlação dos verbos cuidar e servir, onde se inscreve a diaconia.

10. **O diálogo é sempre mútuo**, de quem fala e escuta, aprende e ensina, recebe e dá. A Igreja oferece ao mundo o Evangelho, a verdade na caridade, sem medo e com humildade. Procura valorizar a criação na promoção de uma ecologia integral renovada numa nova criação pelo mistério pascal de Cristo. Cada cristão toma esta atitude pessoalmente, mas também o pode e deve fazer de um modo associado e organizado em diversos movimentos de apostolado na missão de evangelizar e santificar o mundo.

11. **O tempo da pandemia** pôs a nu a afirmação: «lembra-te homem que és pó...»; junto ao sofrimento e ao luto, trouxe consigo também oportunidade e graça, esperança e perspectiva, verdade e caridade, responsabilidade e cuidado uns pelos outros, humildade, sobriedade, essencialidade, criatividade, simplificação, indigência, finitude, contingência, con-fina-mento, etc. A Igreja na sua capacidade de diálogo olha para além da emergência do tempo presente, depois de uma grande lição sobre o valor da vida que inclui a fragilidade, a igualdade, a doença e a morte.

12. **As Bem-aventuranças são a norma de vida dos discípulos**, a gramática do seu diálogo com o mundo. O discípulo faz uma opção pela pobreza como conselho evangélico, como modo de vida, mas não deixa de lutar contra a pobreza como miséria que fere a dignidade humana. Por isso, a comunidade cristã dá testemunho de pobreza a exemplo de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que combate as causas de uma pobreza imposta e indigna. A Igreja na sua missão profética não deixa de denunciar os atropelos à dignidade humana. Deve denunciar casos que desumanizem a pessoa no que diz respeito às carências efetivas, violência e dependências, ser uma voz profética; uma Igreja interventiva nas questões sociais, mostrando um rosto humano à maneira de Cristo.

13. **O clamor das pobrezas e das realidades de vida das nossas famílias** e especialmente dos mais novos, agravado no período da recente de epidemia, não pode passar indiferente a Deus nem à sua Igreja. Uma Igreja que se empenhe a debelar, os vírus, as drogas, o desemprego e a desestruturação familiar. Uma Igreja mais inculturada, horizontal e inclusiva. Uma Igreja que seja presença e testemunho, começando pelas famílias e passando por todos os ambientes, onde haja lugar para a “pastoral de vizinhança”. Apesar de tudo, deve prevalecer a alegria do encontro, o cultivo da humildade que faz com que haja uma organização de relações horizontais sem que isso implique a perda da reverência devida. Uma linguagem e um método que permita aos jovens inebriarem-se pela pessoa e mensagem de Cristo através da sua Igreja.

14. **Uma Igreja mais atenta e atuante na sociedade, nomeadamente, junto dos doentes, dos pobres e excluídos.** Uma Igreja que atenda ao clamor da juventude, a quem é necessário dar vez e voz, pois é nela que reside a esperança e o futuro. Uma Igreja desafiada a sair do conformismo, da rotina, indo ao encontro do outro, seja ele quem for, sem medos, julgamentos prévios ou aceções. Uma Igreja coerente com o Evangelho que anuncia, onde a palavra de ordem seja “acolher”, de forma simples e caritativa, sem falsos moralismos. Uma Igreja mais acolhedora, que escute, oriente e acompanhe. Uma Igreja menos clerical, mais próxima, mais simples, mais terra-a-terra. Uma comunidade que partilha dos seus bens com aqueles cujos direitos não são atendidos.

15. **Tal como os Apóstolos não temos prata nem ouro, mas temos o Espírito Santo, o dom de Deus,** que nos dá força para o serviço da caridade. É possível e desejável uma ação articulada entre diversos serviços eclesiais que atuam na área social, de modo a partilhar recursos, favorecer sinergias, eliminar duplicações e chegar a todos, especialmente à pobreza envergonhada; é possível estabelecer parcerias com outras instituições públicas e privadas que estejam na área sócio caritativa com o objetivo de estabelecer uma rede que torne a ação mais eficaz, identificando e trabalhando as causas da pobreza, muitas vezes, associadas à desorganização da vida familiar e da falta de planeamento ao nível do orçamento familiar.

16. **Uma Igreja que faz uma opção clara pelos mais desfavorecidos,** pelo seu próximo, investindo na sua formação e na

valorização das suas capacidades; comunidades mais contidas e pobres no uso da gestão da "casa comum". Por isso devem ser privilegiados os serviços que na comunidade atendem os mais frágeis ou excluídos, onde se ensaia o amor, pois no fim da vida seremos julgados pelo amor.

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja em permanente diálogo com o mundo.

3. Que gritos ou clamores conseguimos ouvir, ver e ler dentro de nós e do nosso povo, como um desejo de diálogo?
4. Que respostas conhecemos do Evangelho, do testemunho de santidade dos cristãos e da experiência cristã que se possam criar ou atualizar neste tempo pós - pandémico?

**III. UMA IGREJA COMUNITÁRIA E PARTICIPATIVA EM
TODOS OS SEUS MEMBROS**

17. **A palavra "comunidade" diz-nos que todos temos algo em comum.** Na comunidade dos batizados somos chamados a viver os compromissos que advêm do Batismo, pois nela "não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos (...) são um só, em Cristo Jesus (*cf. Gal 3, 28*).

A Paróquia continua a ser ainda nos nossos dias o lugar visível onde está presente a Unidade e diversidade dos dons, carismas e ministérios. Eles têm a sua origem no Espírito Santo em ordem à comunhão, vida e missão da Igreja (*cf. 1Cor, 5-11*).

Todos somos filhos de Deus e membros da Igreja, por isso tanto os clérigos como os leigos são irmãos de caminhada, mas com vocações diferentes, orientadas para o mesmo bem de todo o Povo de Deus.

Todos os membros da Igreja são chamados a dar o seu contributo para a edificação do Corpo de Cristo, da comunidade, dando aquilo que receberam e pondo ao serviço dos outros a sua reflexão, a sua espiritualidade, a sua fé e a sua ação.

18. Áreas de participação na vida comunitária:

Sector da Liturgia

A renovação da liturgia promovida pelo Concílio Vaticano II ensinou-nos que as ações litúrgicas são celebrações da Igreja e que “por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual” (*Lumen gentium* 26).

Nesse sentido, entende-se que todos são, a seu modo, participantes da mesma ação, que manifesta a unidade da Igreja celebrante. A grande riqueza da celebração litúrgica encontra-se precisamente numa assembleia em que todos participam ativamente na sua realização.

Sector do Anúncio

A missão da Igreja consiste em evangelizar. “Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações” (*Evangelii gaudium* 120). Todos somos chamados ao anúncio!

Sector da Caridade

A caridade cristã faz parte integrante da missão da Igreja e, sem ela, soam a vazio as palavras, os gestos, os rituais, o culto e as congregações da assembleia comunitária, particularmente para a celebração da Eucaristia, o sacramento da comunhão e da partilha. O nosso tempo é testemunha de um novo dinamismo caritativo da Igreja, que não pode ser visto como um apêndice, mas como um imperativo da fé, da comunhão com Deus e com os irmãos.

19. Vivamos como comunidade sinodal

A construção da Igreja enquanto comunidade dos fiéis, unidos a Cristo, é tarefa de todos os seus membros, que devem pôr a render os dons que receberam em favor do bem comum. A caminhada sinodal que estamos a viver na nossa Diocese constitui um novo modo de ser Igreja, marcado pela capacidade de empreendemos caminho juntos, por isso impõe-se cada vez mais a consciência de que todos somos necessários e todos temos um lugar na Igreja.

20. A comunhão eclesial que se vive na diversidade de carismas e funções.

A comunhão que se vive na diversidade de carismas, funções e serviços concretiza o testemunho que brota da Trindade. A Igreja Local faz acontecer e viver o mistério da comunhão. É convocada para ser comunhão pela participação de todos e cada um dos seus membros na comunhão trinitária. Incorporados em Cristo, todos se tornam filhos de Deus, pelo Espírito Santo, e irmãos para viverem entre si uma profunda comunhão fraterna. Assim, na unidade vive-se também a pluralidade existente na Diocese.

21. Promoção e valorização dos diversos carismas e ministérios.

A Igreja que é e está na Diocese é Povo (Laos) presente no nosso mundo açoriano, reconhecendo, promovendo e valorizando todas as vocações e ministérios suscitados pelo Espírito.

O processo de incorporação na Comunidade Cristã dá-se pela Iniciação Cristã. A Ministerialidade de Cristo vivida na Igreja, traduz-se na fecundidade da vocação batismal e nas de especial consagração, bem como no exercício dos ministérios instituídos e ordenados.

Na valorização dos diversos dons ou carismas há que considerar o valor e a função do Sujeito Principal que é a Igreja Local nos seus diversos membros: Presbíteros, Diáconos, Consagrados(as), Leigos(as); e por outro lado, no intensificar a renovação sinodal das estruturas comunitárias: Paróquias (Zonas Pastorais e Unidades Pastorais) Ouvidorias e Vigararias Episcopais.

a) Presbíteros

Juntamente com o Bispo, cabeça do Presbitério, os Presbíteros fazem acontecer e servem a Igreja com a Palavra, a Eucaristia e a

Reconciliação. Há que fortalecer a comunhão no presbitério e equacionar trabalhando as seguintes dimensões da vida dos presbíteros na nossa Diocese: espiritualidade diocesana, inserção e exercício pastoral, formação permanente e estatuto económico. Ajudará a vida dos presbíteros, o ter em conta as diferentes idades: padres desde a ordenação até 10 anos, dos 10 aos 25 anos, dos 25 aos 40 anos, e dos 40 anos até ao final da vida.

b) Diáconos Permanentes

Os Diáconos são ordenados para o Ministério da Caridade, sem excluir os da Palavra e Liturgia. Temos necessidade de orientações num plano que inclua a escolha, preparação, admissão, nomeação, ordenação e inserção no exercício pastoral do ministério diaconal na nossa Igreja Particular.

c) Consagrados(as)

Referimos aqui os Consagrados dos ramos masculino e feminino, ou seja, os Religiosos e Religiosas que dando testemunho pela vivência radical dos conselhos evangélicos, são sinal e presença no trabalho da pastoral geral, na ação social e caritativa, na dimensão contemplativa e orante, no ensino e na vida paroquial. Importa fomentar e promover mais a vida consagrada em todas as nossas ilhas, dentro de uma pastoral integrada das Vocações e inserir sempre mais os Religiosos(as) na vida da nossa Igreja Diocesana.

d) Leigos

Diz-nos o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, 102, “A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicado, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do batismo e da confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; nalguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrarem espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões”.

Os cristãos Leigos(as) têm uma função única e original na Igreja e na Sociedade. Estes homens e estas mulheres são “o coração da Igreja no mundo” e “o coração do mundo na Igreja”. A nossa Diocese necessita de promover o Apostolado Laical, valorizando os homens e mulheres cristãos nos ambientes do mundo e no interior das comunidades cristãs. Assim, se vencerá o clericalismo e se promoverá o verdadeiro protagonismo laical.

22. A valorização do papel das mulheres, na Sociedade e na Igreja.

Olhando os Açores, muito há a fazer ainda pela promoção e papel das mulheres na família, trabalho, cultura, política etc. Importa vencer problemas como os da violência sobre as mulheres, do desemprego e opressão. Na Igreja teremos de valorizar ainda mais o trabalho pastoral nas paróquias, nas estruturas de aconselhamento, de decisão e da formação da vida diocesana. Continuar com o acesso delas ao ministério extraordinário da comunhão e aguardar no que diz respeito ao ministério ordenado, as conclusões da Comissão criada pelo Papa Francisco sobre a possível instauração do Diaconado Feminino.

23. Formação integral para a edificação de uma Igreja que promove vários ministérios eclesiais.

A Formação que necessitamos é a que valorize os conteúdos e a dinâmica da Iniciação Cristã e faça uma proposta abrangente em ordem à missão. Esta formação será destinada: a todo o povo de Deus (formação básica), aos agentes da pastoral, ao mundo da cultura e aos ministérios instituídos e aos ministérios ordenados.

O plano de formação partirá das necessidades reais das pessoas, com sessões presenciais e à distância, utilizando as estruturas paroquiais, as de Ouvidoria com as Escolas de Formação Cristã; tendo como apoiantes o Seminário Episcopal de Angra e o Instituto Católico de Cultura. Toda a coordenação é da Vigararia da Formação.

24. A santidade como regra absoluta

Certos da palavra do Apóstolo de que “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” uma Igreja em renovação sinodal forçosamente será uma Comunidade de Santidade. Uma Santidade que não é um amontoado de regras, mas sim a Regra Absoluta feita através da

dimensão contemplativa da fé e da vivência de espiritualidade diocesana, traduzidas na vida fraterna das comunidades, no testemunho de santidade dos seus membros e na santidade de Deus no mundo pela prática das obras da misericórdia, da solidariedade para com os sofredores e da construção de uma sociedade justa.

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja comunitária e participação:

5. Algo está nascendo e algo está morrendo na Igreja em todo o mundo e entre nós. Em geral, na dimensão comunitária e participativa o que terá de desaparecer, o que deve permanecer e o que deve nascer de novo na nossa Igreja Diocesana?

6. Qual a estrutura ou estruturas na Diocese em que se deve apostar e trabalhar mais na conversão pessoal, pastoral e sinodal?

A Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal, Dia de Todos os Santos, 1 de novembro de 2020